

SURREALISMO E ESQUIZOFRENIA: Arte e loucura no Recife dos anos de 1930**José Bezerra de Brito Neto¹****RESUMO**

Este artigo é recorrente da tentativa de explorar e analisar um folheto raro que cruzou dois universos complexos: Arte e Loucura, diante de setores caudalosos que sempre balançaram as estruturas do pensamento humano, por conta de suas abordagens decompositoras: Surrealismo e Psiquiatria. Dentro de um período em que o estado de Pernambuco, especificamente, a cidade do Recife, expôs seus projetos de educação estética que pretendiam promover condutas pautadas no desenvolvimento da arte erudita nos anos trinta do século XX.

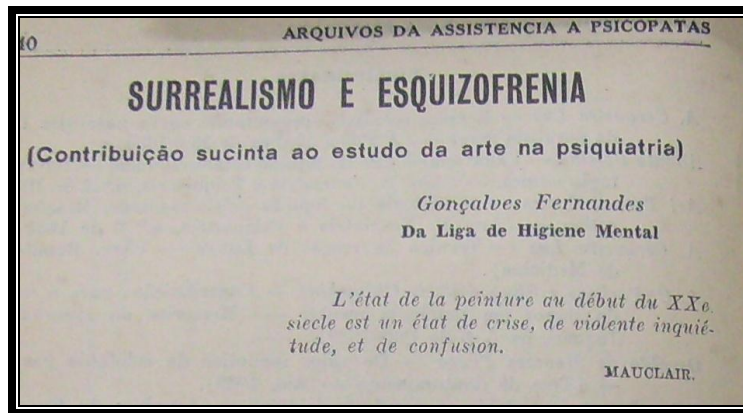
PALAVRAS CHAVES: História Social da Arte, Surrealismo e Loucura.

ABSTRACT

This article is recurrent attempt to explore and analyze a brochure that crossed two rare complex universes: Art and Madness, before rushing sectors that always shook the structure of human thought, because of their decomposing approaches: Surrealism and psychiatry. Within a period in which the state of Pernambuco, specifically the city of Recife, explaining his aesthetic education projects intended to encourage conduct that guided the development of high art in the thirties of the twentieth century.

KEY WORDS: Social History of Art, Surrealism and Madness.

¹ Mestre em História Social da Cultura Regional UFRPE. Orientadora Prof^a Dr^a. Maria Ângela de Farias Grillo.



*Boletim da Liga de Higiene Mental de Pernambuco*²

Este artigo é fruto de longas tardes reflexivas ocasionadas pela disciplina oferecida pela Professora Doutora Lúcia Falcão ao Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura da UFRPE. A proposta dos encontros era analisar a construção dos conceitos referente a categoria dos intelectuais no século XX e seus desdobramentos. Resultando em uma disciplina de um único aluno, mas reverberando em milhares de idéias, que sinceramente, modificaram o percurso que me propôs estabelecer na execução do meu projeto de mestrado. Analisando a atuação de um intelectual psiquiatra, nos anos de 1930 no Recife, através de uma publicação que fala sobre surrealismo e esquizofrenia, tomo como referência uma obra discutida em nossas aulas: “Estrela da Manhã”, do sociólogo marxista Michael Löwy, refletindo o trato que o surrealismo teve pela política pernambucana no início do século XX.

O universo reduzido da pesquisa e de pesquisadores sobre história da arte em Pernambuco, é capaz de soterrar documentos que versam sobre episódios da arte tão raros, que quando encontrados leva-nos a questionamentos de “caçadores da arca perdida” diante dos seus achados: Como ninguém nunca escreveu sobre isso? Porém, como a função do historiador passa pelo filtro do relativismo, as questões ganham entonações de problematizações: Houve algum motivo, para ninguém escrever sobre isso? No entanto, a história da arte é um campo não muito explorado pelas academias das Ciências Humanas em Pernambuco, com pouquíssimas cadeiras sobre essa história específica nos cursos universitários. Acarretando ao último suspiro do pesquisador diante do documento: Será que ninguém escreveu só porque tem arte no meio?

² FERNANDES, Gonçalves. Surrealismo e Esquizofrenia. Recife. Arquivo da Assistência a Psicopatas, 1933. p – 140.

Este artigo é recorrente da tentativa de explorar e analisar um folheto raro que cruzou dois universos complexos: Arte e Loucura, diante de setores caudalosos que sempre balançaram as estruturas do pensamento humano, por conta de suas abordagens decompositoras: Surrealismo e Psiquiatria. Dentro de um período em que o estado de Pernambuco, especificamente, a cidade do Recife, expôs seus projetos de educação estética que pretendiam promover condutas pautadas no desenvolvimento da arte erudita nos anos trinta do século XX.

Após o lançamento do primeiro Manifesto Surrealista, em 1924, do poeta francês André Breton, arte e loucura passaram a ser temas discutidos, de forma mais constante, e relacionados pelos principais intelectuais do mundo. Em Pernambuco, é através de uma contribuição da Liga de Higiene Mental³ do Recife, publicada em um folheto, no ano de 1933, de autoria do médico Gonçalves Fernandes, que o surrealismo é ilustrado com os desenhos de Cícero Dias. Ao lado das produções de pacientes esquizofrênicos, onde as imagens surrealistas são debatidas sob o limiar da psicanálise. Com isso pretendo analisar a atuação de duas esferas intelectuais que se relacionam com a política dos anos trinta em Pernambuco, ou seja, os pintores com suas obras artísticas e políticas e o trato que as autoridades de saúde pública davam aos trabalhos de artistas de vanguardas, sendo comparados aos portadores de distúrbios mentais, como a esquizofrenia.

A LOUCA ARTE

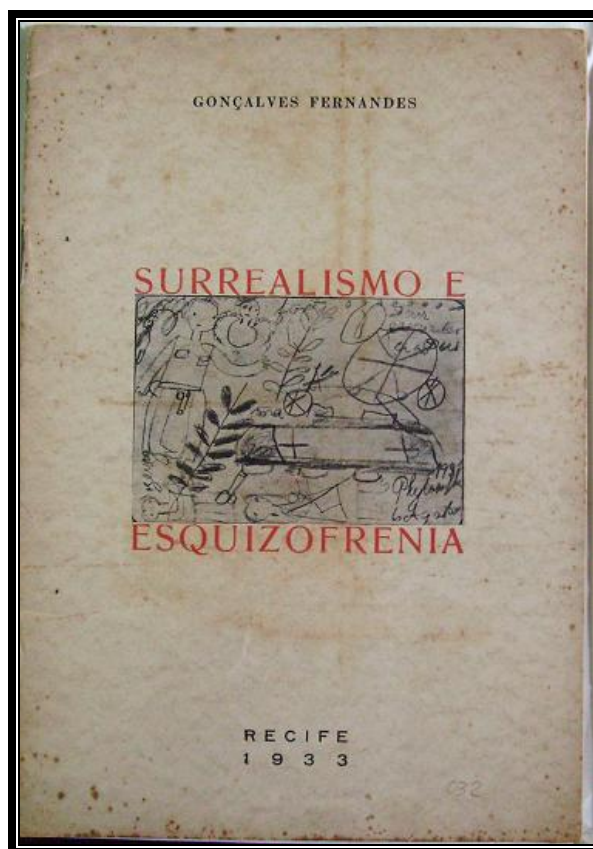
A psicanálise e a arte do século XX nasceram na mesma época e não pararam de se atrair, se distanciar e se esbarrar, às vezes desastrosamente, até hoje. Nós pertencemos à revolução cezanniana e freudiana, como lembra o filósofo francês Jean- François Lyotard. Na virada do século XX, a primeira rompe, na pintura, com a organização espacial tradicional, vigente desde o Renascimento, mostrando que não há ordenação natural no espaço visual. O quadro não mais se compõe a partir da posição inquestionável e bem centrada de um olho ordenador, segundo as leis da perspectiva, e assim o espaço da obra se desestabiliza.

³ Fazendo parte do Serviço de Higiene Mental, oferecido pelo Hospital Psiquiátrico de Pernambuco, a Liga de Higiene Mental era um órgão responsável pela educação e prevenção da sociedade, em relação à natureza, a causa e curabilidade das doenças mentais durante a década de 1930. Para saber mais ver: PADOVAN, Maria Concepta. As Máscaras da Razão: memórias da loucura no Recife durante o Estado Novo (1937 -1 945). 2007. Dissertação (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

Com Freud, de maneira complementar, é o sujeito representado por este olho que perde suas estabilidade, sua posição central. Após a descoberta freudiana do conceito de inconsciente, nunca mais o eu seria totalmente senhor em sua própria casa. Ele estará irremediavelmente dividido; o espelho que a psicanálise e a arte lhe oferecem está em pedaços, e nele o eu se vê irremediavelmente fragmentado.

O Recife dos anos trinta era uma cidade com pretensões “esquizofrênicas”, almejando uma urbanização frenética. No início da década de 1930, do século XX, Pernambuco passava por profundas modificações sociais, econômicas e políticas. A área cultural tentava acompanhar tais mudanças, pois foi nessa década que surgiram importantes eventos e instituições que muito contribuíram para o desenvolvimento das artes plásticas no Estado. Espaços oficiais de contemplação e guarda da arte foram criados, como Museu de Arte Antiga, os Salões de Belas Artes e a Escola de Belas Artes.

Uma metrópole que vinha se formando, desde surtos modernos no século XIX, sobre bases conturbadas de pensamentos vanguardistas, onde a pintura modernista dá suas contribuições cubistas e surrealistas, em meio ao mote regionalista freyriano, com traços e pinceladas de Cícero Dias. Homem proveniente de engenhos, sua arte não era comum para um filho da tradição aristocrática ruralista, de acordo com os princípios da Higiene Mental. A cidade não estava pronta para brincadeiras de criança em formato de tela, o projeto desenvolvimentista do Estado previa a estética clássica que apreciava o belo e não o distorcido.



Capa do Boletim de Higiene Mental do Recife. 1933

Foi através deste folheto, que pretendia contribuir para os estudos que relacionavam arte e loucura, que o médico Gonçalves Fernandes⁴ estudava as obras surrealistas de Cícero Dias, sobre a fronteira da psiquiatria. Mostrando que por trás daquelas mulheres voadoras e traços infantis existia um “homem esquizóide”, com distúrbios representantes de pacientes detentores de

⁴ “Nasceu em 1909, na cidade do Recife, Pernambuco. Diplomado em Medicina (1937) pela Universidade de Pernambuco, sempre foi conhecido como psiquiatra, antropólogo e folclorista especializado na faixa da superstições e da religiosidade popular. Foi professor da Faculdade de Ciências Médicas do Recife, da Faculdade de Direito do Recife e da Universidade do Brasil. Dedicado ao estudo e à pesquisa dos problemas humanos e sociais, encarados, de modo particular em seus aspectos religiosos e psiquiátricos sob critério e métodos da Antropologia e Folclore, fez vários cursos de especialização antropológica, neuropsiquiátrica e sociológica, estagiando, também, nos principais centros culturais da Bélgica, Holanda, Suíça, Itália, França, Portugal, Espanha e Argentina, especialmente convidado, pronunciando conferências sobre assuntos de interesse luso-brasileiro em diversos institutos científicos. Esteve no exercício de diversos cargos ligados à Medicina, de modo especial à Psiquiatria, à Psicanálise e à Antropologia Cultural. Assumiu, durante algum tempo, a direção do Departamento de Psicologia Social do então Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco, onde coordenou várias pesquisas. É autor de diversos livros na especialidade a que se dedicou, entre os quais *Xangôs no Nordeste* (1937), *O folclore mágico do Nordeste* (1938), *As religiões no Brasil* (1939), *Seitas afro-brasileiras* (1940) e *O sincretismo religioso no Brasil* (1941). Faleceu em 1986, na cidade do Recife, PE”. MAIOR, Mario Souto. **Dicionário de Folcloristas Brasileiros**. Goiânia: Kelps. 2000.

esquizofrenia. Mas, tentemos entender essa publicação dentro das pretensões políticas do governo do estado de Pernambuco, que reverbera nesta ação de um intelectual integralista durante os anos trinta.

O surrealismo não é, nunca foi e nunca será uma escola literária ou um grupo de artistas, mas propriamente um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de re-encantamento do mundo, isto é, de restabelecer, no coração da vida humana, os momentos “encantados” apagados pela civilização burguesa: a poesia, a paixão, o amor- louco, a imaginação, a magia, o mito, o maravilhoso, o sonho, a revolta, a utopia.⁵

O médico começa sua abordagem no folheto explorando os limiares históricos do surrealismo, explicando os conceitos que o movimento explicitava em suas obras. O problema todo estava no argumento, que ano depois foi levantado por Lowy, que confirma as aspirações marxistas do movimento surrealista, ao elaborar a tese de que antes de ser um movimento de aspirações artísticas era um movimento político de leituras desestabilizantes do comportamento social. Um projeto de “reencantamento” do mundo, com aspirações socialistas, que iam de encontro aos projetos políticos que Pernambuco tinha para as artes plásticas nos anos 1930. Munidos de um instrumento normatizador, a Liga de Higiene Mental junto ao Arquivo de Assistências aos Psicopatas produz um laudo médico que demonstra ser o pintor Cícero Dias um doente detentor de esquizofrenia. Com isso a publicação assume um caráter de perseguição indireta ao pintor, através de um instrumento de normatização de hábitos e condutas que era o boletim de higiene mental.

De acordo com a historiadora Maria Concepta, Pernambuco estava, nos anos de 1930, em comunhão com o projeto de criação do “novo ideal” para Nação, havendo um tipo de “negociação” entre Psiquiatria e Estado, que atendia as necessidades da “Nova Ordem”, “dando-lhe uma justificativa científica para a consolidação do poder, ao mesmo que assegurava a atuação ampliada da psiquiatria”. A historiadora ainda esclarece que através de um conceito específico de “loucura invisível” aos olhos dos leigos; camuflada sobre a aparência da normalidade; infiltrando-se nas famílias através dos maus hábitos e de longo efeito devastador (uma vez que seu caráter hereditário continuaria a intervir na sociedade pelas próximas gerações), a ação dos

⁵ LOWY, Michael. **Estrela da Manhã**: surrealismo e marxismo. São Paulo: Civilização Brasileira. 2002. P. 09.

médicos intelectuais acabou representando o principal meio para se atingir a meta almejada da interferência social, através de práticas que visavam a prevenção e cura da doença mental.

ARTISTAS ESQUIZOTÔMICOS – A ESQUIZOFRENIA NA ARTE

Foi preciso Colombo partir com loucos para descobrir a América. E vejam como essa loucura cresceu, e durou.⁶

O pai do surrealismo associou o crescimento louco e incontrolável da América, ao povoamento decorrente de degredados insanos, que passaram a habitar as terras americanas. Com o intuito de explorar a pintura surrealista, o psiquiatra Fernandes se utilizou dos aparatos fornecidos pelo método comparativo⁷. Que traça um paralelo entre a arte produzida pelo surrealismo com a produção dos alienados do Hospital da Tamarineira. Comparando especificamente desenhos de pacientes detentores de esquizofrenia com a série de desenhos surrealistas de Cícero Dias do fim dos anos vinte.

A pintura sofre, neste século, as mais fortes influências, apresentado-nos uma série de escolas e uma multidão de imitadores. A máquina cria uma óptica nova. O espírito geométrico invade e nos dá, com Picasso e Braque, a revolução cubista. Deformando por sistema. Conduzindo-nos a um mundo diferente, com uma natureza que não existe. Foi apenas o princípio (...). A arte perde ambiência: surrealismo. A pintura tornada subjetiva ganha terreno. Dois fatores favorecem o seu sucesso. De um lado uma questão de reação do caráter. De outro uma atitude de esnobismo.⁸

O panorama da arte é traçado pelo autor de acordo com as quebras estabelecidas pelas vanguardas. A preocupação pela imitação, a visão nova proporcionada pela máquina são frutos de um período onde a arte passa por implantes. Produto de um sistema deformado, essa arte perde

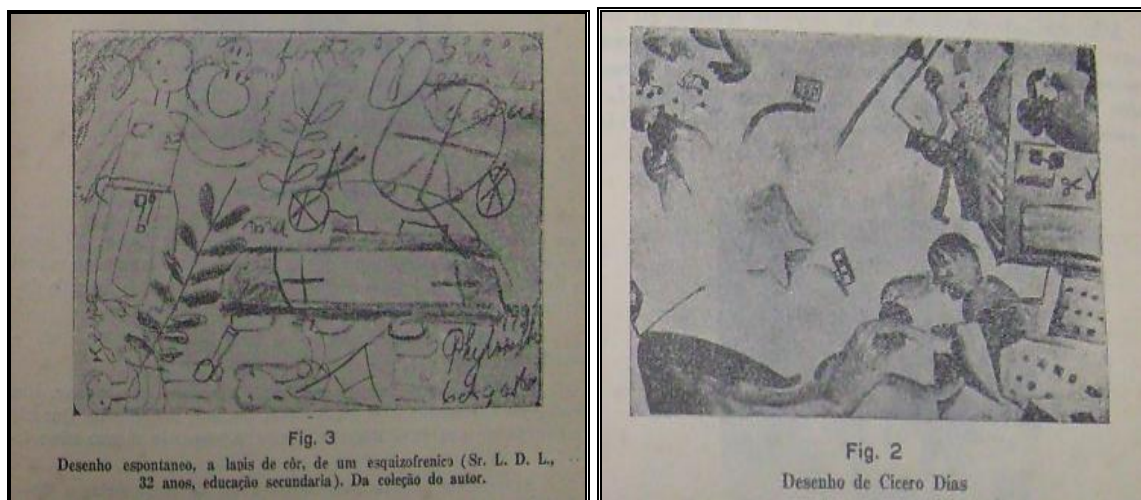
⁶ BRETON, André. Manifesto Surrealista. 1924. P - 10.

⁷ Instrumento interpretativo de obra de arte utilizado no início do século XX por médicos e psiquiatras, que tomavam as obras como indícios de patologia, propondo a comparação destas com as criações de grupos diversos, habitantes da África ou Oceania, “considerados inferiores aos membros da cultura européia ocidental, sob um olhar etnocêntrico da virada do século”. Para saber mais ver: ANDRIOLO, Arley. O Método comparativo na origem da Psicologia da Arte”, onde este especialista cita como exemplo o caso do médico Cesar Lombroso, que reunira “produções artísticas” de 107 doentes mentais que começaram a pintar e esculpir depois da moléstia e comparou com a “arte primitiva” dos povos da Ásia e da África.

⁸ FERNANDES, Aníbal. Diário de Pernambuco. Recife, 1933.

um viés simples de interpretação. Essa perca de ambiência reflete sua não adaptação em espaços oficiais, seu terreno é o do imaginário, do reencantamento, de atitudes que provocam a invasão do “eu”, para tentar compreender uma arte que se afasta do comum.

O fio condutor desta comparação era a higiene mental. Uma limpeza das condutas humanas que partem do mundo interno. Os comportamentos esperados, limpos e corretos eram frutos de uma mente sã, sem distúrbios, controlada por caminhos retos, construídos por homens de comportamentos aceitos pelo mundo público. A mente deveria expressar o saudável através da arte, com muita harmonia e beleza. O distorcido era fruto de um mundo interno sem aspirações de progresso e desenvolvimento. A arte estava inserida em um projeto de educar os sentidos, perante a exposição de pinturas que trouxessem o espírito de civilização para Pernambuco. Espaços oficiais foram criados nos anos trinta, na cidade do Recife, como meta de educar a população com o belo. Um Museu de Arte Antiga, uma Escola de Belas Artes e os Salões de Belas Artes, colocava a capital de Pernambuco dentro dos projetos de desenvolvimento artístico da nação.



Examinemos as telas surrealistas à luz da psiquiatria: a dissociação, a discontinuidade, a ambivalência, o infantilismo, são sintomas que não faltam. “O indivíduo separando-se escolhe o melhor que é o estado de infância .A infantilidade de uma tela de Cícero ninguém pode negar. Que ele é sincero na sua arte nós o sabemos. Sabemos, também, que é um esquizóide.

A dissociação, a ambivalência, a descontinuidade, resultantes da perda de contato com o meio, sintomas especiais a todos os processos esquizofrênicos, determinando pseudo- percepções: surrealismo.⁹

O discurso de Gonçalves Fernandes era o da comparação, mas também o da perseguição. Seu posicionamento era típico de intelectuais ligados às esferas do integralismo que se posicionavam através da imprensa oficial, para clamar por uma sociedade reta e normatizada. A infantilidade das obras de Cícero incomodava uma formação de Estado Novo que almejavam uma arte adulta que se simboliza o desenvolvimento político do governo. A descontinuidade não era viável para um estado que visava permanências. Os desenhos de Cícero Dias eram ilustrados em partes, como estratégia para justificar o discurso do médico. Ao colocar em paralelo os dois desenhos, o distúrbio mental se sobrepõe, e o surrealismo do modernista com seus prédios tortos, estrelas e mulheres flutuantes, é comum ao desenho do paciente com sua infantilidade nos traços e nos temas.

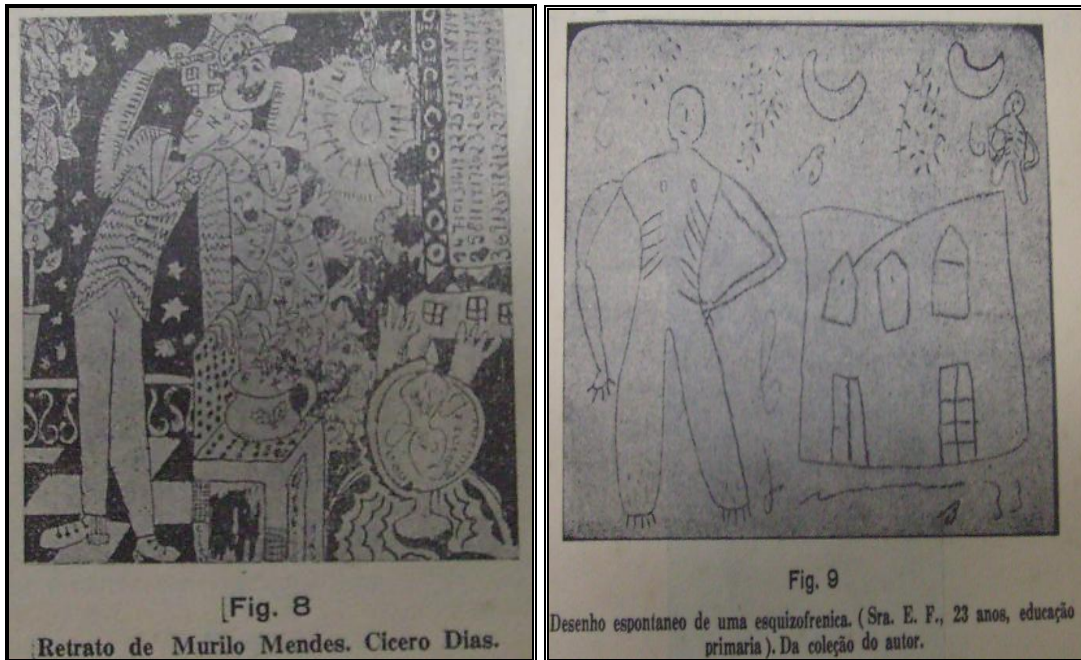
Comparemos os desenhos surrealistas, estudemos seus símbolos, colorido, forma, significação, artista- por- artista, cuidadosamente, e poderemos dividir esses trabalhos em categorias que correspondem, mais ou menos, áqueles estados de evolução para a esquizofrenia. Por estudo da produção vemos o estacionamento deste ou naquele período, a marcha lenta ou vertiginosa, marcando vivamente a soma de complexos acumulados.

A escola surrealista é, pois, uma forma esquizotímica da arte, que se revela por uma sensibilidade artística semelhante a que encontramos na pintura dos esquizofrênicos alienados.

Comparemos os desenhos esquizofrênicos da Tamarineira com os desenhos surrealista. Esta analogia perfeita que encontramos não é uma injúria nem um elogio, sob o ponto de vista da estética, mas a confirmação de um fato sobejamente demonstrado. E se com a psicanálise aprofundamos a observação, e revelamos os complexos mascarados nos símbolos, no colorido rico de vermelho, azul e verde, sentimos ainda mais se intrincarem os pontos de contato, e não mais podemos distinguir surrealistas e esquizofrênicos alienados.¹⁰

⁹ FERNANDES, Gonçalves. Surrealismo e Esquizofrenia. Recife. Arquivo da Assistência a Psicopatas, 1933. P. 141.

¹⁰ FERNANDES, Gonçalves. Surrealismo e Esquizofrenia. Recife. Arquivo da Assistência a Psicopatas, 1933



Embasado cientificamente Gonçalves Fernandes julga ser o retrato de Murilo Mendes uma demonstração sexual do cotidiano dos artistas plásticos. Perturbados por condutas disformes os complexos dos pintores afloravam através de símbolos inconscientes expostos nas telas. Como alienados, os pintores distorcem seu meio como uma fuga, chegando ao ponto de não mais se distinguir vanguarda de loucura. O universo do sonho se dilui em surtos de psicoses, em imagens esquisitas, ou esquizóides, como o autor prefere, sujando a beleza e erudição de uma tela, e transformando um grito de descontração artística em caso de manicômio.

A higiene mental tem uma ação de destaque invulgar nas modernas organizações de trabalho. As profissões atuais exigem do indivíduo qualidades especiais, põem em jogo constante as funções psico- motrizes da memória, da atenção e do julgamento, e procuram atingir um máximo de rendimento útil.

O surto de rentabilidade colocava a profissão de pintor na mira das autoridades. Esses artistas tinham que produzir em nome de uma ordem política que estava disposta a financiar espaços de produção e contemplação de uma arte oficial. A criação do Museu de História e Arte Antiga, dos Salões de Belas Artes e de uma Escola de Belas Artes, configuravam uma ação de fomento do governo em prol de uma arte regional, limpa e clássica.

O estímulo que o governo traz a arte constitui uma das mais nobres e elevadas funções, a função de incentivar o bom gosto, a educação e o interesse, animando a iniciativa e a emoção criadora. Todo e qualquer incentivo que o

poder público trazer a arte é um serviço de insuperável mérito que presta ao talento e à educação artística, que tem o direito de disciplinar e promover.¹¹

A função da arte deveria ser a de idealizar a realidade, numa atitude Kantiana que define a beleza em si como ideal universal, do qual a obra de arte deve se aproximar o quanto possível. Porém, mais que a busca do ideal universal, uma estética neokantiana, como em Shopenhauer, e, especialmente, nietszcheana, que sustentava a crença na possibilidade da transformação da vida pela arte, irrigaram a política de educação estética. O problema no Brasil estaria entre optar por uma arte que copiasse o modelo real, para que fosse seguido na sua pureza, ou que criasse, em representação, o modelo ideal, na esperança de que o porvir se adaptasse.

Neste processo de criação de modelos ideais, a arte fora da oficialidade era perseguida, como assumiu Cícero Dias, em entrevista ao Jornal do Comércio de 1985, que teve seu atelier saqueado e vários amigos presos na Casa de Detenção, hoje a residência da cultura, nos anos da “Ditadura do Estado Novo”. Mas que esse mesmo artista, participava de várias produções de contrato, financiadas pelos governos dos anos 1950. A construção das referências de “normal” e “patológico”, como padrões de comportamento, esteve ligada a capacidade de desempenhar as funções requeridas pela sociedade e ao significado que a transgressão dessa necessidade representava. “Ou seja: se o “normal” (que estaria ligado ao “normativo”, que institui as normas), referia-se as condutas regulares, sendo encarado como um aspecto positivo, o “patológico” era o negativo, o” sentido da consciência, sob a forma de obstáculos aos exercícios das funções, sob a forma de perturbação ou de nocividade”.

O ESPAÇO E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA.

O filósofo grego, mestre em estética, ensina que a alma se eleva ao bem pelo belo... Os Sentimentos estéticos são educativos. O desenvolvimento do sentimento estético implica o das atitudes gerais. Logo, estimular os sentimentos estéticos implica o estímulo da cultura geral do indivíduo. Para conseguir uma cultura deve-se realizar uma cultura gradual. Neste sentido devemos consignar os seguintes pontos de sugestão: Para o desenvolvimento da aptidão estética mediante exercícios práticos: a) exercícios manuais: escritura, debuxo, modelo. C) Educação dos Sentidos: cultivo especial do campo sensório: intuição, concepção, serenidade.¹²

¹¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1942. p.04.

¹² REVISTA DE PERNAMBUCO, 1937. p.10.

O potencial pedagógico da arte era explorada através do projeto que previa a educação estética como forma de desenvolvimento dos sentidos, em meio a sociedade recifense dos anos trinta. Os espaços de contemplação oficiais da arte, eram asseados com o intuito de promover uma conduta moral retilínea para sociedade, a partir de imagens pintadas que exploravam o cotidiano belo, através de um regionalismo tradicional. Um exemplo de conduta, regada ao desenvolvimento estético, é citado pela Revista de Pernambuco do ano de 1937. A busca da cultura passava pelo viés do estético, dentro da idéia clássica do estudo do belo. Logo o cultivo do campo sensório, de acordo com a prática de exercícios manuais, prometia a população o melhoramento cultural. O poder político se relacionava com a arte através de partilhas do sensível, no qual não só a arte recebia posturas da política, mais vice e versa. Nesse jogo compartilhado, os salões eram exemplos da renovação de um Estado, que se utilizava destes certames como um passaporte para um mundo civilizado.

Na virada de século, o campo da Psiquiatria ocupou um lugar importante na mediação entre os estudos de Psicologia e os estéticos, fornecendo material abundante de casos clínicos. Com isso, este exemplo, aqui explorado, de estudo do surrealismo por um psiquiatra pernambucano, enquadra-se em um programa de Higiene, promovido pelo Estado, baseando-se na certeza de que o aumento dos distúrbios mentais era uma “conseqüência da civilização”, encarando a saúde mental como o principal pilar de sustentação para um desenvolvimento econômico, político e social adequado.

Envolvido com pressupostos marxistas, o surrealismo pernambucano é rechaçado por instrumentos de controle da ordem e de condutas. De acordo com Lowy, Breton sempre afirmou, desde o Segundo Manifesto do surrealismo até seus últimos escritos, a dialética hegeliana-marxista esteve no coração do movimento artístico. Sendo o posicionamento intelectual do pintor, de acordo com as autoridades médicas, um desvio de comportamento, proveniente de seus distúrbios. A perfeição era a meta do governo, a utopia da perfeição física, da identidade como um dado biológico, operava como pares de opostos: o limpo e o impuro, o doente e o são, o físico

e o mental, o corpo e a alma, cuja solução é encontrada na beleza da forma humana, na crença de que um corpo perfeito abriga um corpo espiritual de pureza moral.

A pintura em Pernambuco foi mais do que as intrigas acadêmicas e modernistas queriam mostrar, sendo um resultado de diversos modernismos e tradicionalismos que se estalaram em vários setores sociais da época, refletindo o e demonstrando realidades através de experimentalismos artísticos de uma região que promoveu academicismos e autonomias em convivência com o saudável ato pintar e o “doente” ato reencantar. Fazendo com que qualquer das intenções que rejam os signos pictóricos um claro ato de fazer política, independente do tipo de inserção social do artista ou o modo como as formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais.